

Justiniano

Não sabia porque se chamava assim, com nome do Imperador que em 553 patrocinou o Concílio de Constantinopla, o quinto dos Concílios. Organizado por Justiniano, excomungou a doutrina da reencarnação, diz-se que a pedido da esposa. Doutrina que se perde nos tempos, passada dos órficos aos pitagóricos, passou também pelo sábio Orígenes, chegou à Idade Contemporânea com Alain Kardec. Tem milhões de adeptos. Mas Justiniano apenas sabia que um tio do pai emigrara para a Argentina e depois para os Estados Unidos e que, pelo tio, ele também se chamava assim. Ao olhar Inhambane à noite, Justiniano pensou se aquilo lhe dizia algo. Aquilo tudo, as duas cidades, a rica e a pobre, a cidade do cimento e alcatrão e a das palhotas, do adobe, da terra batida. À noite viam-se luzes, era como Lourenço Marques, mas muito menor, apenas isso, menor. Maputo, muitos anos depois, estaria igual ao que sempre fora: duas cidades. Não entendia ainda bem o que lhe sucedera. Levado por um rapaz pouco mais velho que ele, rapaz de quem nunca soube o nome, entrara numa cabana, situada numa espécie de labirinto de cabanas, rodeadas por uma vedação rija de canavial. Uma mulher pouco mais velha que ele, disse-lhe: “vamos dormir”. Anos depois tornara-se o “homem caleidoscópico”, como lhe chamava, gargalhando, um inimigo. Pensava agora que as cidades têm esta faceta, desde antes de Atenas! São, todas elas, um resumo do mundo! Aquela visão do Parténon, da Ágora, lembrava os que ali se dedicaram um dia à contemplação, à devoção pelo sagrado, à busca da verdade pela ciência... As meninas mantidas castas, os prostíbulos, os mercados de escravos ao lado, era já um resumo da História. Inhambane era assim, também: os ricos, os pobres, os professores e as prostitutas, o dinheiro e os criados. E

Roma não foi assim? S. Paulo, que conhecia como se pode conhecer, não era uma nova e eterna Atenas? A vida cultural, as universidades, o Instituto Butantan, os seus cinquenta e quatro mil exemplares de serpentes, o teatro, o Butantã que é bairro, os bairros dos escravos de hoje... Escravos da droga e do crime, essencialmente dos crimes que contra eles se praticam, porque são escravos! “As duas cidades, basicamente falando”. O “homem caleidoscópico” até era um bom nome para ele. Afinal, depois de tanto ver, os olhos entreviam imagens em catadupa, torciam essas imagens e o entendimento, não percebia melhor coisa nenhuma já há algum tempo. Lembrara-se de quando voltara ao bairro da mulher. Era dia, agora. O imenso cachorrão que guardava a entrada, preso por uma corrente a uma pedra, ameaçava. Mas pareceu reconhecê-lo, recuou e ele entrou no labirinto. O cheiro a fuba, a óleo, alguns rumores de gente trabalhando ao longe, cheiro de urina, de corpo humano, tudo estava igual. Pensou mais uma vez que não entendera bem o que fizera com a mulher... Achava que aquilo era apenas sugestão, não tinha nada de especial. Mas voltara. As cabanas não tinham portas, apenas panos, presos em cima. Lembrava-se da mulher, achava que a encontraria mas não conseguiu. As cabanas e os panos eram todos iguais, ela nem o nome lhe contara, pensou “que estou aqui a fazer?”, foi embora. E tinham-lhe perguntado: “o ser humano não pode esquecer?” Claro que sim! Sabia agora, tanto tempo depois, ele que achava que a sua arma eram as lembranças, que mesmo naquele dia longínquo, cabeça jovem, tinha quinze anos, um mero cachorrão demonstrara ter mais memória que ele.

Carlos Mota